



A Santa Sé

**HOMILIA DO PAPA BENTO XVI
NO DOMINGO DA DIVINA MISERICÓRDIA
E VIGÍLIA DO SEU OCTOGÉSIMO ANIVERSÁRIO**

Domingo, 15 de Abril de 2007

II Domingo de Páscoa e da Divina Misericórdia

Queridos irmãos e irmãs!

Segundo uma antiga tradição, o domingo de hoje tem o nome de Domingo "in Albis". Neste dia, os neófitos da vigília pascal vestiam mais uma vez a sua veste branca, símbolo da luz que o Senhor lhes tinha doado no Baptismo. Em seguida teriam deposto a veste branca, mas a nova luminosidade que lhes foi comunicada tinham que a incluir na sua vida quotidiana; a chama delicada da verdade e do bem que o Senhor tinha acendido neles, deviam conservá-la diligentemente para assim levar a este nosso mundo algo da luminosidade e da bondade de Deus.

O Santo Padre João Paulo II quis que fosse celebrada neste domingo a Festa da Divina Misericórdia: na palavra "misericórdia", ele encontrava resumido e novamente interpretado para o nosso tempo todo o mistério da Ressurreição. Ele viveu sob dois regimes ditatoriais e, no contacto com a pobreza, a necessidade e a violência, experimentou profundamente o poder das trevas, pelas quais o mundo também neste nosso tempo está afligido. Mas experimentou também, e não menos fortemente, a presença de Deus que se opõe a todas estas forças com o seu poder totalmente diverso e divino: com o poder da misericórdia. É a misericórdia que põe um limite ao mal. Nela expressa-se a natureza muito peculiar de Deus a sua santidade, o poder da verdade e do amor. Há dois anos, depois das primeiras Vésperas desta Festa, João Paulo II terminava a sua existência terrena. Ao morrer ele entrou na luz da Divina Misericórdia da qual, além da morte e a partir de Deus, agora nos fala de modo novo. Tende confiança diz-nos ele na Divina Misericórdia! A Misericórdia é a veste de luz que o Senhor nos concedeu no Baptismo. Não devemos deixar que esta luz se apague; ao contrário, ela deve crescer em nós todos os dias, para levar ao mundo o feliz anúncio de Deus.

Precisamente nestes dias iluminados de modo particular pela luz da divina misericórdia, ocorre uma coincidência para mim significativa: posso dirigir o meu olhar para trás, para os 80 anos de vida. Saúdo quantos estão aqui reunidos para celebrar comigo esta circunstância. Saúdo antes de tudo os Senhores Cardeais, dirigindo um pensamento de gratidão ao Decano do Colégio Cardinalício, o Senhor Cardeal Angelo Sodano, que se fez competente intérprete dos sentimentos comuns. Saúdo os Arcebispos e Bispos, entre os quais os Auxiliares da Diocese de Roma, da minha Diocese; saúdo os Prelados e os outros membros do Clero, os Religiosos e as Religiosas e todos os fiéis presentes. Dirijo um deferente e grato pensamento às Personalidades políticas e aos membros do Corpo Diplomático, que me quiseram honrar com a sua presença. Por fim, saúdo com afecto fraterno, o enviado pessoal do Patriarca ecuménico Bartolomeu I, Sua Eminência Ioannis, Metropolita de Pergamo, expressando apreço pelo gesto gentil e desejando que o diálogo teológico católico-ortodoxo possa prosseguir com renovado entusiasmo.

Estamos aqui reunidos para reflectir sobre o cumprimento de um breve período da minha existência. Obviamente, a liturgia não deve servir para falar do próprio eu, de si mesmo; todavia, a própria vida pode servir para anunciar a misericórdia de Deus. "Vinde, ouvi e narrarei a todos vós... aquilo que Ele fez para mim", diz o Salmo (65[66], 16). Sempre considereei um grande dom da Misericórdia Divina que o nascimento e o renascimento me tenham sido concedidos, por assim dizer, juntos, no mesmo dia, no sinal do início da Páscoa. Assim, no mesmo dia, nasci membro da minha própria família e da grande família de Deus. Sim, agradeço a Deus porque pude fazer a experiência do que significa "família"; pude fazer a experiência do que significa paternidade, de forma que a palavra sobre Deus como Pai se tornou para mim compreensível a partir de dentro; com base na experiência humana foi-me aberto o acesso ao grande e benévolo Pai que está no céu. Diante dele nós temos uma responsabilidade, mas ao mesmo tempo Ele dá-nos confiança, porque na sua justiça transparece sempre a misericórdia e a bondade com a qual aceita também a nossa debilidade e nos ampara, de forma que pouco a pouco podemos aprender a caminhar com firmeza. Agradeço a Deus porque pude fazer a experiência profunda do que significa bondade materna, sempre aberta a quem procura refúgio e precisamente assim é capaz de me dar a liberdade. Agradeço a Deus pela minha irmã e pelo meu irmão que, com a sua ajuda, me estiveram fielmente próximos ao longo da minha vida. Agradeço a Deus pelos companheiros que encontrei no meu caminho, pelos conselheiros e amigos que Ele me deu. Agradeço de modo particular porque, desde o primeiro dia, pude entrar e crescer na grande comunidade dos crentes, na qual se abre de par em par o confim entre vida e morte, entre céu e terra; agradeço por ter podido aprender tantas coisas beneficiando da sabedoria desta comunidade, na qual estão contidas não só as experiências humanas desde os tempos mais remotos: a sabedoria desta comunidade não é apenas sabedoria humana, mas nela alcança-se a própria sabedoria de Deus a Sabedoria eterna.

Na primeira leitura deste domingo é-nos narrado que, no alvorecer da Igreja nascente, o povo levava os doentes às praças, para que, quando Pedro passava, a sua sombra os cobrisse: atribuí-a-se a esta sombra uma força restabelecedora. Esta sombra, de facto, provinha da luz de

Cristo e por isso tinha em si algo do poder da sua bondade divina. A sombra de Pedro, mediante a comunidade da Igreja católica, cobriu a minha vida desde o início, e aprendi que ela é uma sombra boa uma sombra restabeecedora, porque provém precisamente do próprio Cristo. Pedro era um homem com todas as debilidades de um ser humano, mas era sobretudo um homem cheio de uma fé apaixonada em Cristo, repleto de amor por Ele. Através da sua fé e do seu amor a força restabeecedora de Cristo, a sua força unificadora, chegou aos homens mesmo se misturada com toda a debilidade de Pedro! Procuremos também hoje a sombra de Pedro, para estar na luz de Cristo!

Nascimento e renascimento; família terrena e grande família de Deus este é o grande dom das múltiplas misericórdias de Deus, o fundamento sobre o qual nos apoiamos. Prosseguindo o caminho da vida vem ao meu encontro depois um dom novo e exigente: a chamada para o ministério sacerdotal. Na festa dos santos Pedro e Paulo de 1951 havia mais de quarenta companheiros encontrámo-nos na catedral de Freising prostrados no chão e sobre nós foram invocados todos os santos, a consciência da pobreza da minha existência perante esta tarefa para mim era pesada. Sim, era confortador o facto de que a protecção dos santos de Deus, vivos e mortos, fosse invocada sobre nós. Sabia que não iria ficar sozinho. E quanta confiança infundiam as palavras de Jesus, que depois durante a liturgia da Ordenação pudemos ouvir dos lábios do Bispo: "Já não vos chamo servos, mas amigos". Pude fazer delas uma experiência profunda. Ele, o Senhor, não é só o Senhor, mas é também amigo. Ele colocou sobre mim a sua mão e não me abandonará. Estas palavras eram então pronunciadas no momento em que é conferida a faculdade de administrar o Sacramento da reconciliação e assim, em nome de Cristo, de perdoar os pecados.

Hoje, no Evangelho, ouvimos o mesmo: o Senhor sopra sobre os seus discípulos. Ele concede-lhes o seu Espírito o Espírito Santo: "Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados...". O Espírito de Jesus Cristo é poder de perdão. É poder da Divina Misericórdia. Concede a possibilidade de iniciar de novo sempre de novo. A amizade de Jesus Cristo é amizade d'Aquele que faz de nós pessoas que perdoam, d'Aquele que perdoa também a nós, nos alivia continuamente da nossa debilidade e precisamente assim, infunde em nós a consciência do dever interior de amar, do dever de corresponder à sua confiança com a nossa fidelidade.

Ouvimos no trecho evangélico de hoje a narração do encontro do apóstolo Tomé com o Senhor ressuscitado: ao apóstolo é concedido que toque nas suas feridas para assim o reconhecer reconhece-o, além da identidade humana do Jesus de Nazaré, na sua verdadeira e mais profunda identidade: "Meu Senhor e meu Deus!" (*Jo* 20, 28). O Senhor levou consigo na eternidade as suas feridas. Ele é um Deus ferido; deixou-se ferir por amor para connosco. As feridas são para nós o sinal de que Ele nos compreende e de que se deixa ferir pelo amor para connosco. Estas suas feridas como podemos nós tocá-las na história deste nosso tempo! De facto, Ele deixa-se ferir sempre de novo por nós. Que certeza da sua misericórdia e que conforto elas significam para nós! E que segurança nos dão sobre o que Ele é: "Meu Senhor e meu

Deus!". E como constituem para nós um dever de nos deixarmos por nossa vez por Ele!

As misericórdias de Deus acompanham-nos dia após dia. É suficiente que tenhamos o coração vigilante para as poder sentir. Somos demasiado inclinados para sentir apenas a fadiga quotidiana que, como filhos de Adão, nos foi imposta. Mas se abrirmos o nosso coração, então podemos, mesmo imersos nela, ver também continuamente quanto Deus é bom connosco; como Ele pensa em nós nas pequenas coisas, ajudando-nos assim a alcançar as grandes. Com o peso aumentado pela responsabilidade, o Senhor trouxe também uma ajuda nova na minha vida. Repetidamente vejo com alegria reconhecida quanto é grande o número dos que me apoiam com a sua oração; que com a sua fé e o seu amor me ajudam a desempenhar o meu ministério; que são indulgentes com a minha debilidade, reconhecendo também na sombra de Pedro a luz benéfica de Jesus Cristo.

Por isso gostaria neste momento de agradecer de coração ao Senhor e a todos vós. Gostaria de concluir esta homilia com a oração do Santo Papa Leão Magno, com aquela oração que, precisamente há trinta anos, escrevi na imagem-recordação da minha sagração episcopal. "Rezai ao nosso bom Deus, para que se digne fortalecer nos nossos dias a fé, multiplicar o amor e aumentar a paz. Que ele me torne, servo miserável, suficiente para a sua tarefa e útil para a vossa edificação e me conceda um desempenho do meu serviço que, juntamente com o tempo concedido, aumente a minha dedicação. Amém".

© Copyright 2007 - Libreria Editrice Vaticana-

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana